DOWNENTOS

3 CADAS

erizin (ff be

Em novembro de 1973, o general Ismarth de Araújo, um dos numerosos genera is aposentados que ocupam a alta administração da FUNAI e que no governo de Geisel foi promovido a seu presidente, anunciou em Brasília que a mudança na orientação do Parque Nacional do Xingu é inevitável. Declarou ser intenção oficial "integrar á sociedade" as 15 tribos que vivem naquele Parque.

Os irmãos Orlando e Claudio Villas Boas, que ha 29 anos dedicam-se a proteger os indios xinguanos da frente de expansão, protestaram prontamente. Argumentaram uma ves mais que, integradas precipitadamente, essas tribos terão o — mesmo destino que centenas de outras, desaparecerão. "Nossa posição não é novidade para ninguém -disse Orlando- a cultura indígena deve ser resguardada até —

WSTITU	TOSOCK	CAMBIE	NTAL
Data	/	, ,	
Cod. 4	PDO	P1 00	7

que o índio opte pela integração". E adiantou que, se tal mudança for adotada, tanto ele como seu irmão apresentarão seus pedidos de aposentadoria.

Criado em 1961, o Parque do Xingu é o resultado de muitos anos de lutas de um grupo de abnegados, apoiados pela opinião pública, contra latifundiá----rios e grileiros instalados nos governos de Mato Grosso e Pará.

Por que um parque indígena na bacia dos rios Culuene, Culisevu e Ronuro, os formadores do rio Xingu, 300 quilómetros a oeste da ilha do Bananal e 500 - quilómetros ao norte de Cuibá? Porque aí vivem, dese tempos imemoriais, nove tribos: os camaiurás e auetis, de língua Tupi; os iauapitis, uaurás e meinacos, de língua Aruaque; os nafuquás, cuicuros e calapalos, de língua Caribe e os trumais, que falam uma língua só deles mesmos. Através de séculos essas nações vizinhas alternaram períodos de guerra e de paz, fazendo trocas e, ao mesmo tempo entrecruzando seus costumes. O resultado foi que, embora mantendo a integrida de de suas línguas respetivas, essas tribos promoveram o amalgamento das várias culturas, formando uma cultura comum, conhecida entre os antropólogos como --- "cultura xinguana", de uma riqueza extraordinária.

Foi assim que o estudioso alemão, Karl Von den Steinem, as encontrou em 1884, quando fez uma viagem científica pelo interior do Brasil. Eram então 3 mil índios morando em 39 aldeias. Em nosso século a região começou a ser invadida por seringais, garimpeiros e caçadores de pele e a decadência dos xinguanos teve início. Na metade da década de 40, quando entraram em contato com -- essas tribos, os irmãos Villas Boas encontraram apenas 652 índios, espalhados em 10 aldeias. Estavam entro as tribos destinadas a desaparecer.

O marechal Rondon nomeou Leonardo (já falecido), Orlando e Cláudio para - assistir essas tribos. Nos discussões que então travaram sobre o destino do ín dio em nosso país, Rondon manifestou aos trés irmãos o seu desencanto com os resultados da política que inspirara ao Serviço de Proteção aos Indios, de procurar o contato e integrar rapidamente os índios em nossa sociedade. Chegara á conclusão de que o proceso de integração devia ser lento e que as tribos deviam ser mantidas em relativo isolamento o maior tempo possível para terem tempo de pe ajustar á nova situação. Somente assim poderiam se integrar, como povo diferente que são, na comunhão nacional.

Os Villas Boas procuraram seguir esta orientação. As dificultades eram - enormes. Em 1954, uma violenta epidemia de sarampo quase põe fim a tudo. 600 indica adoecem e foi com muito esforço que se conseguiu limitar a mortalidade a apenas 114 indios. Os anos seguintes foram de duro trabalho de recuperação. Em 1970, um recenseamento mostrava que a tendência afinal se invertera, a população voltara a crescer, já contava com 704 pessoas e a pirámide populacional se reegilibrava.

Isco ná era tudo. Naqueles 16 anos os Villas Boas tinham atraido para a área do parque mais cinco tribos: jurunas e caiabis, de lingua Tupi; suiás, --tchicãos e txucarramáes, de língua Gê, num total de 850 índios. O parque do - Xingu tornara-se uma legenda de humanismo, obra admirada e respeitada pela opinião pública do país e do Exterior.

Mas o Xingu também tem inimigos poderosos. Em 1961. quando o presidente Jánio Quadros assinou a lei de criação do Parque, houve forte oposição dos latifundistas no Congresso e nos bastidores do governo. Aquelas terras já estavam loteadas e, segundo observação irónica de Orlando Villas Boas para indicar o precesso de grilagem, "vendidas até o 3º andar". Mas os invasores foram mantidos á distáncia, mesmo porque ainda havia muita terra desocupada ao redor do Parque.

Em 1970, a facilidade para a formação de latifundios com incentivos fiscais e generosos financiamientos assanha os ánimos. As agropecuárias chegam - ás fronteiras do Parque do Xingu, ciram incidentes, invadem seus limites, procuram atrair índios para converté-los em máo-de-obra barata. Por exemplo, o - fazendeiro Zezinho das "Reunidas" deu ricos presentes a um prestigioso chefe caíabi para estimular os índios dessa tribo a trabalhar em suas fazendas. Mas o pior esta por vir.

Em fevereiro de 1971, um golpe tremendo: de surpresa, uma estrada começa a ser construida através do parque. Quem estava construindo essa estrada? A SUDECO -Superintendéncia do Desenvolvimento do Centro Oeste, um órgão subordi nado ao Ministério do Interior, como a FUNAI. Diante dos protestos da opinião pública, o Ministro do Interior, general Costa Cavalcanti, declarou: "daremos toda assistência ao índio, mas ele não pode ser obstáculo ao desenvolvimento do país". E o presidente da FUNAI o secundou: "A estrada em nada prejudicarã o --Parque". Como os Villas Boas reclamassem, dando entrevistas a jornais e canais de televisão, o general Bandeira de Melo proibe-os de dar entrevistas.

Quem estava por trás da SUDECO? A Assiciação das Empresas Agropecuárias da Amazónia (AEAA), beneficiárias dos incentivos fiscais da SUDAM; a FEMATO - Federação da Agricultura de Mato Grosso; a CODEMAT - Cia. de Desenvolvimento do Mato Grosso. São os latifundiários de volta, mas agora reforçados por grupos económicos estrangeiros e do sul do país. Eis alguns dos seus nomes: BRADESCO, Manah, Eletroradiobras, Codespar, Codeara, Anderson Clayton, Magalháes Pinto, Bordon, União Paulista, Reunidas, Liquigás, Ometto, King Ranch... É necessário dizer - mais?

O traçado projetado para aquela estrada -a BR-80- contornava o Parque do Xingu pelo norte. È uma estrada secundária, destinada a ligar as fazendas da bacia do Xingu com a Cuiabá-Santarém. Consta que o fazendeiro Zezinho das "Reunidas", dono de trés fazendas na área, levou as autoridades da SUDECO num sobrevão á região para demonstrar que o contorno do Parque ia terrar a viagem longa para os fazendeiros. E, num simples sobrevão, mudou a opinião da SUDECO, que então decidiu construir a estrada através do Parque.

O verdadeiro objetivo das autoridades do Ministério do Interior e das agropecuárias estava evidente desde um banquete que a associação dos Empresários — Agropecuários da Smazónia (AEAA) ofereceram ao ministro Costa Cavalcanti, na fazenda Suiá Missu, em 22 de abril de 1969. Messa ocasião, os fazendeiros-empresários reclamaram que o Parque do Xingu tinha una área grande demais para um número tão pequeno de índios. Além disso, aquela exata região era o "filé-mignon" para a agropecuária em toda a Amazónia. Em março de 1971, um diretor da SUDECO repetiu essa argumentação em entrevista ao jornal "O GLOBO": "as grandes pradarias que constituem parte do território do Parque poderiam ter um aproveitamen to racional, com a implantação de fazendas experimentais, nas quais os próprios silvícolas seriam empregados na lavoura e nos trabalhos do campo".

Sintomaticamente, desfecha-se uma campanha pela imprensa tentando deformar o trabalho realizado no Parque. "Os índios do Xingu vivem em extrema miséria o trabalho realizado no Parque. "os índios do Xingu vivem em extrema miséria praticamente entregues á própria sorte porque os responsáveis pelo parque acham melhor manté-los em seu estado natural", dizem diretores da SUDECO, repentinamente transformados em entendidos em indigenismo. O Parque é chamado de "zoológico de índios para divertir antropólogos estrangeiros que nada sabem da realidade nacional". O presidente da FUNAI faz a frase que o denine e a toda sua ad ministração: "Indio não é peça de museu".

E o general Ismarth também dá sua contribuição: "não acredito que os Vi-llas Boas queiram manter os índios eternamente num estágio primitivo, despreparados para o contato com a nossa sociedade".

Deformação consciente. Pois todos sabem que não é assim o trabalho dos - Villas Boas. Em primeiro lugar, eles esclarecem que não consideram os índios como 'povos primitivos", mas povos de "cultura paralela", ísto é, deuma cultura diferente da nossa. "Ao contrário do que certas pessoas pensam -dizem eles- os índios não são bandos de miseráveis errando sem rumo pelas matas. Tem sua própria cultura e costumes e fazem tudo para conservá-los".

Os Villas Boas queren manter os índios eternamente isolados? "Isto seria um absurdo", respondem. Na sua opinião, a integração é um processo extremamente complexo e necessariamente tem de ser demorado se se quer que os índios tem ham alguma chance de sobreviver como povo. Ao se colocar a questão da integração, as comunidades tribais se defrontam com duas barreiras colossais, a barreira dos bacilos e a cultural. Os índios não tem resistencia biológica aos virus comuns entre os civilizados. Portanto, se o contato for abrupto, muitos índios morrerão, a sociedade tribal se desagregarã. Para atravessar a barreira do bacilo precisam de tempo.

A questão cultural ainda é mais complexa. Nossos valores diferentes, sus tentados por uma técnica sperior, póem em crise oc valores da cultura indígena. Para os índios o mundo está todo explicado, e dessas explicações míticas, mas de sábio valor utilitário, decorrem normas de comportamento que produzem uma so ciedade equilibrada. Ao defrontar-se com nossa cultura, produz-se o choque. Se o contato se faz rápida e intensamente, sem dar tempo a que a cultura indíge na se refaça do choque recriando seus valores, ajustando-os aos novos conhecimentos, os indivíduos e a comunidade entram num clima de confusão e apatia, definido por estudiosos como a "vontade de morrer". Juntando-se a isso choque biológico, que estará ocorrendo simultaneamente, o resultado só poderá ser o que já ocorreu centenas de vezas a desagregação da tribo.

A solução tentada pelos Villas Boas é "dar tempo ao índio" para atrave-ssar as barreiras. Garantir que a iniciativa da integração fique com o índio, que seja uma escolha sua e que se faça gradualmente. E citam um exemplo. Os índios xinguanos tem um lenda em que o seu herói mítico, Mavutsinim, distribui as armas aos homens. Isto é, aos índios como eles, de cultura mais desenvolvida, deu o arco e a flecha. Aos índios "bravos", os seus inimigos tradicionais, que são os caiapós (txucarramáes, por exemplo), deu a borduna. Depois de anos de contato controlado com os civilizados, os índios fizeram um reajustamento—que torna a lenda adequada á nova situação. Quando da distribuição das armas, passou a haver um terceiro personagem centemplado por Mavutsinim, o civilizado, que recebu de suas mãos a arma de fogo. E assim, a desigualdade póde ser assimilada como a expressão da vontade divina.

Para que esse ajustamento ocorra e para que as comunidades tribais, mantendo-se como povo á parte, possam conviver dentro da nação, os Villas Boas vão aos poucos introdizindo a técnica mas aldeias. Ao machado, enxada, foice, anzol, espingarda, rede de pescar, sal, introduzidos nos primeiros tempos, seguiram-se, nos últimos anos, o motor-de-popa, trator, jipe, arado, motores elétricos, rádio-transmissor, manipulados pelos próprios índios, particularmente os da nova geração. Os jovens promissores são levados para temporadas mais ou menos longas em São Paulo. Aprendem a ler, estudam coisas práticas, como consertar motores, etc. A repercussão dentro da sua sociedade é de aumento da produtivida de do trabalho, melhora da capacidade de sobrevivência, mais preparo para tratar com o civilizado.

Os jovens aprendem a jogar futebol, gostam da música dos civilizados. Más entrando naturalmente em contato com esses valores conseguem viver as duas realidades. No Xingu, o mesmo rapaz visto jogando futebol ou arando a terra com trator, pode ser visto, á noite, cantando e dançando numa festa tradicional de sua tribo. Contudo, é inevitável que a nova situação produza profundas modificações em seus hábitos e cultura. Por exemplo, o aumento da produtividade no trabalho, pelo uso de nossa técnica, repercute em toda a vida tribal. Porém, se isso oco rre ao longo da vários anos, a tribo tem tempo de se reorganizar, adotando a no va ténica, mas conservando o essencial de sua cultura e, especialmente, a sus in regridade como povo.

Os costumes das tribos são estimulados pelos Villas Boas, inclusive sua tradição comunitária. As roças continuan a ser, como sempre foram, coletivas, de toda a tribo, E, mais ainda, estimulando a amizade entre as várias tribos, algumas das quais antes eram inimigas. Por exemplo, os excedentes das colheitas dos caiabis, que são formidáveis trabalhadores, servem também para alimentação de tribos que ainda gatinham na agricultura, como os txucarramáes. Esse passo já consiste numa preparação para o futuro, quando trabalhando comunitariamente, as tribos possam se organizar em cooperativa para comercializar o excedente agrícola e os produtos de seu artesanato em troca dos produtos industrializados que necessitam. Não é através do comércio que os povos se relacionam?

Não tem, portanto, fundamento os que criticam esse trabalho dizendo que no Xingu os índios não estão sendo preparados para integrar-se na vida da nação. Na verdade, só quem faz essas críticas são os inimigos dos índios, preocupados com o exemplo que a experiência do Xingu significa. Os gtandes antropólogos e sociólogos apoiam unanememente essa obra, tanto Claude Levy Straus, da França, como Charles Wegley, dos Estados Unidos, ou John Husley, da Inglaterra. Bem - como os brasileiros Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Eduardo Galvão, Roberto Cardoso de Oliveira e muitos outros.

Contudo, apesar da onda de protestos no país e no Exterior, a estrada -- BR-80 atravessou o Parque, seccionando um terço de seu território ao norte, fi cando isolada uma parte da tribo dos txucarramáes, que se negou a sair da sua aldeia. Logo os fatos se encarregaram de mostrar quem tinha razão. Quinze -- dias após o general Bandeira de Melo declarar que "a estrada em nada perjudica rá o Parque". 40 txucarramáes, cuja aldeia ficara perto do traçado da estrada, cairam doentes de gripe.

A área que ficou ao norte da estrada deixou de fazer parte do Parque. Co mo "compensação", decreto presidencial de 12/7/1971 ajuntou ao Parque uma zona de alagadiços e terras estéreis a oeste. As ambições pelas terras ao norte, po rém, tiveram de se conter porque os txucarramáes nelas permaneceram. Pela --- Constituição, e pelo próprio decreto acima referido, elas continuarão a ser te rritório indígena enquanto a tribo aí estiver.

Algumas empresas, como a Agropecuária Peixinho e a Santa Elisa, já come çam a invadór a área, apesar de tudo. Seus proprietários também estimulam a existencia de um diminuto povoado, Piara-Açu, que surgiu na margem do Xingu. Esperam que a presença dos posseiros force a ida dos índios para o Parque. Certamente, pensam que não terão dificuldades depois para expulsar também os - posseiros.